

CASTEL LOS EM HESPA NHA

Ao Excelentissimo Senhor
Dr. Manoel de Brito Camacho

Parte destas coisas que escrevi foi na pretensão de responder a uma das brilhantes chronicas por V. Excellencia publicadas na «Lucta»—ha já uns doze annos, se não estou em erro. Dizia então V. Excellencia, e d'ahi o meu protesto, que «assim como Bizet na musica da Carmen, Murillo e Vellasquez interpretaram na pintura a alma hespanhola». Essas chronicas tão ricas de intelligencia, de sensibilidade e de humôr, tinham como titulo «Por terras civilisadas» e como sub-titulo «Impressões dum selvagem». Pode ser que apesar da muita e justa curiosidade que sempre despertam as obras de V. Excellencia, alguém as tenha desconhecido, e pode ser que, por um feliz acaso, sirvam as minhas mal sonhadas paginas para lhes criar um leitor a mais.

Assim eu ficaria justificado, e assim me seja permittido que estes «Castellos em Hespanha», mais ligeiros e ephemeros do que o fumo, eu os offereça, por não ter nada melhor, a quem é, como V. Excellencia, um dos mais raros, mais elevados e nobres espiritos que tem amado e honrado a nossa Terra.

Pois vá de atrevimento . . .

E as horas religiosas que vivi na lenta contemplação dos painéis do Prado, de longe venham, uma a uma, e pallidas de emoção se acerquem, com seus vestidos longos de saudade, seus diademas onde brilham sem ruido, deslumbramentos da minha Iniciação, e uma a uma ao ouvido me murmurem

as magicas palavras que acordam para a vida as recordações. Que ellas venham em miudos passos, lá de tão longe, e me sorriam e animem, dando-me a precisa coragem para afirmar :

Vellasquez é portuguez. (1)

Dizer que, assim como Bizet na musica da «Carmen», Vellasquez e Murillo interpretaram nas suas telas a alma hespanhola, não é decerto uma *impressão de selvagem* que, orgulhoso dos seus olhos claros e da sua propria sensibilidade, se recusou a genuflectir ante o *fetichismo* supremo que se chamou Rodin, sacudiu o pó das suas sandalias á porta do Salão dos Independentes, e exigiu lógica aos poemas de Nietzsche, a feia e fria lógica que já matou Jesus e Budha, Mafoma e Confucio, e está prompta ainda a guilhotinar toda a raça illuminada de Zarathoustras, que - ai d'elles - nunca foram philosophos pela simples razão de que fôram apóstolos e altissimos poetas.

Ora, que Murillo tenha interpretado, já não digo a alma, mas a *animula* castelhana, não me interessa discutir, tanto mais que este pintor me deixou quasi indifferente, tocando, ao que me pareceu, só a superficie das coisas, realista ingenuo nas f guras das ruas, simplesmente terno na tinta argentea dos seus assumptos religiosos.

Mas enquanto a Vellasquez, não. Tudo o que senti, protesta contra esta affirmativa que sabios criticos veem passando de mão em mão, a ponto de que, hoje, ella já brilha com o fulgôr das *verdades* incontestaveis nas paginas dos Baedekers. Eu bem sei que, ainda ao mais irreverente chronista, a meio de longa viagem atravez de *terras civilisadas*, viagem accidentada de bons ditos, de emoções preciosas, de sinceras rebeldias, é grato repousar á sombra suave d'um logar commum, muito especialmente quando este é de larga e frondosa copa, de seculares raizes, escorado por nomes illustres - judeus como o de Reinach, castelhanos como o de Blasco Ibañez . . .

Mas hespanhol, o Vellasquez ?

Interroguemos D. Sebastian de Morra, o misero anão de olhos negros e insistentes, com seus duros punhos cerrados contra as coxas curtas, e tão orgulhoso e tão triste como por terras de Castella o meu coração de estrangeiro. Elle nos dirá como, antes de pousar, o pintor o fazia dizer a sua historia, contar a ultima afronta recebida, porque fôra que uma das princezinhas lhe puxára com força a negra barba, como elle estivera quasi a morder a pequenina mão côr de rosa, mais cruel para a sua vaidade que uma tenaz de Inquisição . . . Consolava-se D. Sebastian por encontrar n'aquelle artista o coração que sabia escutar o seu odio de coisa espezinhada, e lhe sabia insuflar orgulho, quando já no fundo escuro da sua pobre alma começava um borbulhar de lagrimas. Era então que Vellasquez principiava a pintar; mas a pintar o *homem* que vivia e sofria a dentro d'aquelle enfezado corpo, quando outro qualquer, Ribera ou Goya, pouco importa, teriam simplesmente e gostosamente retratado o monstro.

E o Niño de Vallegas, de boca dolorosa, o Bobo de Coria, e aquele outro anão, El-Primo, de linda e lyrica cabeça, tão cavalheiroso e erudito, folheando o seu livro com profunda gravidade - todos, todos elles nos estão contando a tranquila doçura de D. Diogo, como elle era diferente da gente castelhana que os cercava, tão simples de maneiras, e de tão nobre e serena linguagem, que as horas as passavam encantados, parecendo que suas falas vinham de desconhecidas terras, de mais suave luz e de amorosas, melancolicas almas.

Escutei-os, horas e horas seguidas, e a todos, creio, era querido o nome d'aquelle pintor, que impassivelmente e impiedosamente, marcava os traços de degenerescencia d'um rei, ao mesmo tempo que descobria nos monstros o que n'eles havia de profunda e humanissima dôr.

Vellasquez é portuguez . . .

Que artista, senão da nossa raça, teria pintado o quadro das Lanças (Rendição de Breda), em que o vencedor, descido do cavalo, se curva para o vencido que lhe oferece as chaves da cidade, impedindo-o de ajoelhar e sorrindo-lhe com tamanha bondade, que parece pedir perdão da victoria? Todos os cavaleiros teem a cabeça descoberta, e em nenhuma face reluz a soberba dos vencedores.

Ha um outro quadro das Lanças, logo á entrada do Museu.

Ahi o homem que entrega as chaves da cidade está de joelhos em terra e suplica piedade

(1) Já em 1888, o eminente escriptor, Ex.^{mo} Dr. Coelho de Carvalho, no seu admiravel livro de Viagens, dizia : «... O apparecimento de Vellasquez vindo do mesmo movimento naturalista, de que sahiram Murillo, Zurbaran e Alonso Cano, é, contudo, um extranho phenomeno dado na arte hespanhola, porque apesar do meio de Sevilha ser excellente e propicio, seria difficil ás forças phisiologicas da raça castelhana, affectada de perversão nervosa, originada pelo terror e pelo ascetismo, produzir uma organização, tão perfeitamente equilibrada.

Vellasquez porem era filho dum portuguez... O pae de Diogo Rodrigues da Silva Vellasquez era João Rodrigues da Silva, do Porto... No genio de Vellasquez se pode observar essa dupla influencia, a do sangue portuguez que lhe deu a tenacidade e equilibrio das faculdades do estudo e do criterio justo, e a da nossa orientação litteraria que originou o espirito artistico da côrte de Filippe IV, em cujo centro se fixou definitivamente a sua indole, creando-se a escola de Madrid.

emquanto o gran capitão victorioso, sobre um imenso cavalo de guerra, tem um gesto de insolente e dominadora soberania, esmagando com o olhar os vencidos que se rendem.

Este quadro, sim, este é d'un hespanhol!

*
* *
*

... Para ver as Conceições de Murillo tem que se atravessar uma sala (1) onde entre castelhanissimos Riberas e dois maravilhosos Zurbarans, o grande Christo de Cano se ergue, contorsionado e tragico, a boca clamando injurias, o braço direito rompendo da tella, ameaçador e terrivel contra a injustiça e covardia dos homens, e contra o Deus que o abandonou: E' o Bakounine, rugindo, pregado n'um madeiro!

E na outra sala, a seguir, entre dois ternos Murillos, o Christo de Goya repousa na cruz, todo o corpo isento de dôr, a carne resplandecente como d'um deus pagão de eterna belleza, só nos olhos e na face, virada para o ceu, ha lagrimas e uma como que divina amargura. E' Apollo, o Sol crucificado!

E os hyeraticos e angulosos dos byzantinos, os sérios, sangrentos Christos primitivos, que vieram perseguir em sonhos a alma anciosa do Grecco, e O d'este que ascende n'um painel do Prado como uma fugitiva chama que a dôr modelasse - cada um nos diz a sua palavra, encarnação d'algun versiculo de oiro e lagrimas, mas não mais do que uma só palavra, uma só expressão, um só momento do Christo.

O de Miguel Angelo na Sixtina ergue o seu immenso braço de Jove Justiceiro, fazendo encolher de terror a propria Mãe! E o indifinivel Christo de Leonardo, o maior de todos, é feito da eternidade e silencio da Esphinge, - Esphinge, cujo corpo de féra se estylisasse em humana forma e sobre cujo infinito sorriso descesse a perpendicular d'uma lagrima.

O seu braço direito é o braço poderosissimo de Deus, cuja mão habituada a fazer e a reger os mundos, entre os apostolos, como entre os signos, affirma a traição, quer que se execute a traição; enquanto o braço esquerdo, n'um doce gesto de resignada humildade, acceita a consummação dos factos, a necessidade da sua dôr e sua morte. E estes dois movimentos contraditorios são reflectidos no tranquillo espelho do seu rosto em duas correspondentes e contraditorias expressões, que lá se debatem e fundem, não sei porque magico poder, deixando-lhe na face como que o perpassar d'uma sombra de indefinida, longinqua e quasi piedosa ironia...

A cabeça que levemente se inclina não é a redonda cabeça d'um deus da Hellade; é uma mais vasta aboboda, e a curva superior que a limita não é o meio circulo perfeito d'um craneo grego, mas uma semi-ellipse que se destaca no fundo azul dos ceus, como se a mão de Leonardo ao traçal-a tivesse seguido a linha mathematica e harmoniosa da orbita d'um astro. Velam as palpebras os seus olhos, mas sentimos, como em nenhum outro, a certeza de que nos está vendo e, quasi imperceptiveis, os altos supercilios, abertos em dois finos arcos, dão o quer que seja de oriental, á expressão d'este indecifrável deus do Occidente. A sensação mais prompta e mais segura que recebemos ao contemplal-o, é que é mais antigo do que o Christo greco-semita, como mais antiga deve ser a sua vasta alma, infinito mar de quietude e silencio onde vieram, desaguando e desaparecendo, como longos rios, as religiões de todos os homens, arrastando no tumulto das correntes as almas imperfeitas de todos os deuses.

E assim, entre a agitação dos gestos e exclamações dramaticas de entorno, só aquella Quietação é verdadeiramente força e movimento, como só é audível, em verdade, aquella Silencio.

Desenhou e pintou Leonardo todos os apostolos sem que, durante largos annos, ousasse traçar no muro o rosto de Jesus. Seria bem curioso de vêr o grande quadro, onde, como n'um palco, cada personagem tem o seu gesto proprio de interrogação, de dôr ou de espanto, quando faltava ainda a figura central do Christo, exactamente aquella que desencadeou o tão dramatico tumulto.

A figura dominante seria então a de Judas ou, antes, a sua bolsa d'oiro, que elle aperta, com invencivel força, na mão carnosa e robusta, d'um grosso desenho que não mais se repete em quadro algum de Mestre Leonardo.

O centro da tragedia seriam pois aquelles trinta dinheiros, corruptores de todo o pão e de todo o vinho d'aquella ceia mystica, de toda a belleza da carne e de toda a luz do espirito, fonte de todo o mal, a serpe metallica entre cujas volutas a humana besta aprisionada, eternamente se debate e consume.

Que o Othelo era a tragedia d'um lenço, creio que foi Hugo quem o disse. Tambem se poderia affirmar, antes da presença do Christo, que todo aquelle quadro era a tragedia d'uma bolsa.

(1) Por um recente, erudito e encantador artigo do Ex.^{ma} Dr. Ricardo Jorge, soube que esta ordem, por que eram dispostas as telas do Prado, está hoje, e ainda bem, profundamente modificada.

Commentadores de Leonardo lastimam que este a tivesse posto na torpe mão do traidor, tomando-a á conta de infantillidade desnecessaria, indigna do grande artista. Não : Aquella bolsa é uma das faces do problema, e aquelle dinheiro é para Judas como o seu proprio sangue, corre-lhe nas veias desde a hora em que nasceu ; por elle perderá a sua alma e se perderá a sua raça por todas as estradas do mundo, e por ella todos os homens seremos condemnados pelos seculos adeante . . . Os outros apostolos teem as mãos livres e puras ; só Judas se deixou algemar, manietado por aquelle oiro que o escravisava e denuncia.

Depois de tudo feito, de tudo ter composto, foi que Leonardo começou a meditar sobre Jesus. E a sua meditação durou quatorze annos. Até que um dia, dia espantoso para a historia da Arte e da Humanidade, o mysterioso homem pintou aquelle mysterioso Deus.

Bem sabia o grande enciclopedista da Renascença que só depois de creados os homens foram creados os deuses, filhos da humana anciedade, do nosso mêdo e da nossa esperança ; e assim, aquelle Jesus que, á primeira vista nos apparece como o enununciado d'um complexo theorema, foi afinal para o artista a conclusão logica a que chegou o seu espirito, desde que puzera como permissas todas as forças conflictuosas d'entorno, synthese suprema de tantos gestos désencontrados, do fluxo e refluxo de tantas almas. E tem-se a illusão de que um genio igual a Leonardo, só em frente do Christo deduziria e comporia todos os elementos restantes, exactamente como estão compostos, como d'uma observação minuciosa e profunda das figuras que o cercam, chegaria áquella concepção de Jesus exactamente como lá está imaginado.

O maior genio da sciencia e da arte no seu tempo, porventura o maior genio da Humanidade de todos os tempos, não poderia ao fim de quatorze annos de constante preocupação, deixar de produzir obra de belleza e pensamento que desafiasse, atravez dos seculos, a intelligencia e a curiosidade dos homens.

E assim o quadro ficou sem deixar continuadores, toda a Renascença precipitando-se n'uma jarga vida de acção e ambição ; luctas de povos, luctas religiosas, descobertas de novos mares e de novos mundos, tentativas para unificação da Italia, tentativas portuguezas para a conquista da Terra, e os seus grandes artistas, mesmo Camões, mesmo Miguel Angelo, trabalhando mais que meditando, fazendo obra individualista ou nacional, mas impossibilitados de se congregarem para uma grande obra de Harmonia, — imitadores da Hellade, que jamais attingiram a Acropole.

E é ao annunciar do seculo xvii, que na grande Ilha Ingleza e nesta quasi Ilha de Hespanha e Portugal, de novo surgem os grandes *mediuns*, Schakespeare, Cervantes e Vellasquez, que geram as tres obras maximas, *humanisações* do mysterio Vincesco : o Hamlet, D. Quixote, o Christo do Prado.

O veio de intelligencia pura e puro sentimento que se interrompera em Leonardo, viera occultamente derivando pelo sub-solo do quasi todo o tumultuoso seculo xvi, e emfim, resurge, quando entre as furias puritanas, saem da taberna da Sereia, oscillando até aos palcos de Londres, as terribes duvidas do amavel principe, do Hamlet gentilissimo, e entre as fogueiras inquisitoriaes, ao lado do immenso ventre de Sancho, se ergue a impolluta lança do Tristissima Figura.

Vellasquez, mais simplesmente, mais humildemente, faz melhor talvez : responde ao Christo da Ceia com o seu Christo crucificado.

Em nenhuma parte, por tantas e desvairadas sallas de Muzeus, por tanto velho muro de Egrejas e Cathedraes, encontrei painel que a este fosse comparado. E' que nenhum reflecte aséria e tranquilladoçura, a absoluta resignação d'este divino Oedipo, cuja humana e clara luz d'amor em verdade illuminou o esphingico mysterio, violou o infinito d'um sorriso que parecia eterno, dando-lhe como limite e fecho aquella cruz. Só elle soube dar aos homens pelo arrependimento a livre força de vencer o Passado, que os bellos deuses da Grecia jamais tinham vencido. Tanto um como outro, o filho de Jocaste e o Filho de Maria, foram expostos n'um madeiro, ambos tiveram os pés martyrisados, ambos desconhecera a Mãe em certa hora ; mas enquanto o heroe grego, decifrando o enygma da vida só armado de intelligencia, é por fim precipitado nos horrores do incesto, Jesus, mais puro e mais forte, é o unico que, pelo perfeito amor e pela morte voluntaria, realisa a victoria absoluta sobre a Fatalidade.

E só o Christo de Vellasquez traduz esta suprema força. Em nenhum outro, o Filho de Deus se humanisou tão real e perfeitamente, em nenhum a dôr tão serena e discreta, nem tão humilde e calado o triumpho absoluto da resignação sobre todas as violencias e injustiças da Terra.

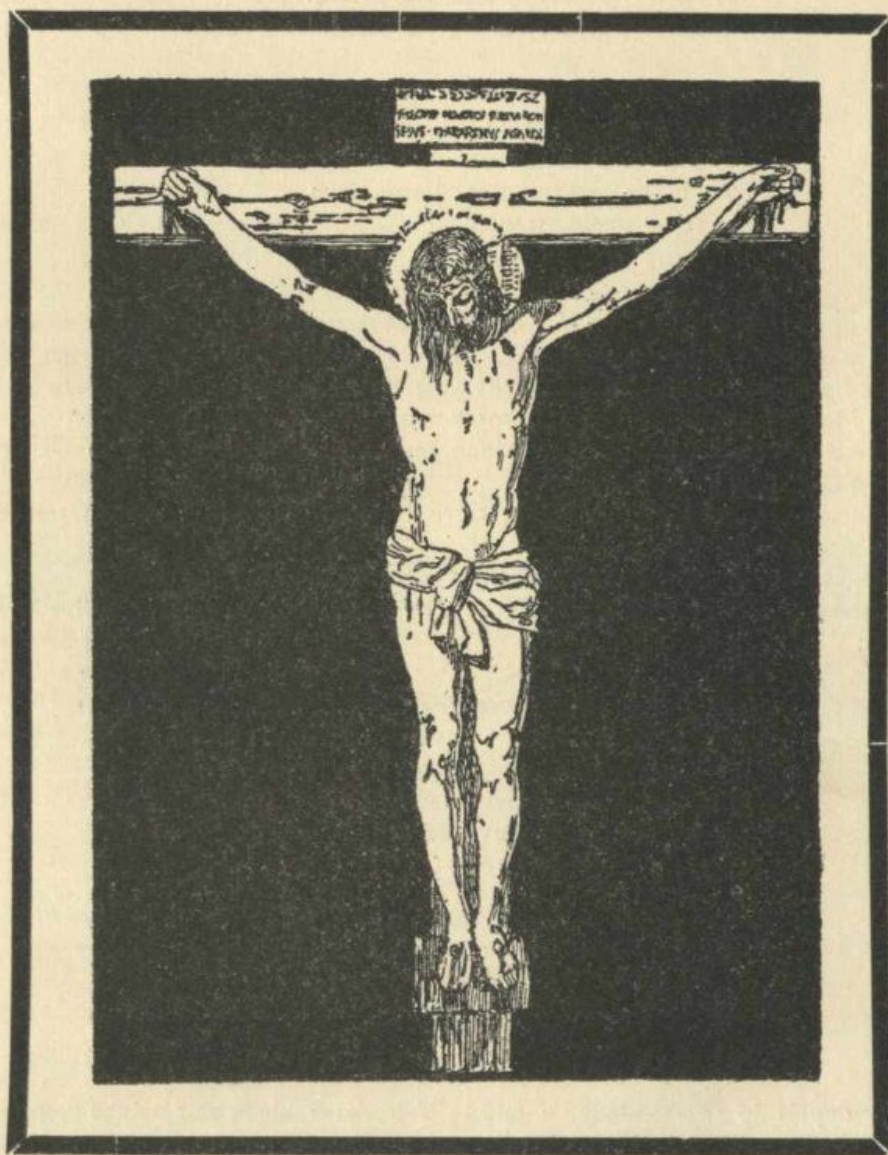
E este Cordeiro expiatorio é ao mesmo tempo d'uma tragica e viril belleza, a sua carne é halito d'amor, e o seu corpo perfeito, amphora translucida guardando como sagrada, solitaria flama, a consciencia tranquillada da propria força, a certeza plena da victoria. Morto, e vive uma vida eterna ; prisioneiro, e guarda em si mesmo a liberdade absoluta. E' o Homem, que dentro de si mesmo se creou o seu proprio Deus.

E eu sonho que Elle responde ao Christo de Leonardo : «Está feita a tua vontade : a negra traição que ordenaste e a voluntaria acceitação que lhe offereceste. Os teus braços já não mais se contradizem em oppostos gestos, pois estão ambos agora egualmente abertos numa Cruz. Da batalha de

teus pensamentos ficou este residuo, a Dôr, ante a dôr dos homens que me contemplam; da tua dualidade resta esta unidade perfeita: A Morte». *A Morte libertadora e inviolavel*. . .

A grande chimera teve como projecção esta realidade: o Homem—o Homem, onde começa e finda toda a divina comedia.

E eu sonho ainda que elle erguerá um dia a face, até hoje inclinada e meio occulta sob a cabelleira negra; sem esforço se desprenderá da sua cruz,—n'aquelle claro dia em que sobre a terra abun-



VELÁSQUEZ

M. del Prado

"NUESTRO SEÑOR CRUCIFICADO"

dante e Morida todos forem seus irmãos, livres de toda a ideia de peccado. E caminhará pela alegria do mundo não se distinguindo mais dos outros homens, pois cada um dentro de si matou a sua propria mentira: — Que desde esse dia não haverá mais deuses. . .

Mas n'aquelle painel, cujo fundo é ainda de nocturna escuridão, como negra é ainda a alma dos homens d'hoje, elle é para nós simplesmente o Christo — o Christo como nós, portuguezes o entendemos o Christo das prisões e das infinitas magoas, cuja dôr é feita da contemplação de todas as nossas dôres: Senhor da melancholia, perdão e misericórdia; Aquelle de quem todas as nossas mães soube-

ram ensinar a ingenua e maravilhosa historia . . . As suas copias estão disseminadas em Portugal, e se fosse possível um plebiscito nos campos, nas serras, nas costas do mar, todos os outros seriam repudiados como deuses estrangeiros que a alma portuguesa não entende.

Sim, bem português, eu o sinto e juro! E bem digno de reparo e motivo para grande orgulho nosso, é afinal este caso maravilhoso de, entre tantos Deuses, ser para o Deus da nossa raça que se voltasse o nobre genio das Hespanhas, D. Miguel de Unamuno, que ante Elle nos versos immortaes do seu altissimo poema, «El Christo de Velasquez», ergueu um dos mais bellos hymnos que a voz humana tem entoado no mundo:

. . . Vara mágica
nos fué el pincel de Don Diego Rodrigues
de Silva Vellazquez.

. . . Aqui encarnada
en este verbo silencioso y blanco
que habla com lineas e colores, dice
su fe mi pueblo tragico.

A fé de seu povo? Não. Mas sim a fé e a esperanza deste mais simples e menos numeroso povo de Portugal, cujo passado delirio de grandezas, — o Delirio maior que tem havido na Terra! — teve tambem, um dia, como fecho luminoso, uma Cruz, aquella *Crara Cruz* que appareceu e brilhou por sobre as aguas do Mar Vermelho, ante as espantosas naus do Albuquerque Terribil!

Que incognosciveis forças guiaram a Unamuno para áquelle Christo em cujas veias corre o sangue portuguez de Vellasquez?

Não é a primeira vez que para Portugal se volve a alma da Hespanha, é certo, nem é a primeira vez que ella entre nós procura o Salvador . . .

A mesma angustiosa bussola guia as almas dos povos e as almas dos poetas.

Assim foi tambem, assim foi tambem, naquelles tempos de *Comuneros* e Carlos V, e de apavorantes prophecias:

«Particularmente cryan los ignorantes en una que dizia, que avia de reynar en España uno que se llamaria Carlos, y que avia de destruir el Reyno, y assolar las ciudades. Pero que un Infante de Portugal le avia de vencer, y echar del Reyno y que el Infante . . .

*

* *

. . . Horas depois de se abandonar a sala de Vellasquez, ainda se caminha como somnambulo atravez das ruas movimentadas de Madrid, tudo nos parecendo irreal, phantasmas de existências, sombras de alegrias, vagas expressões e gestos vagos, que pertencem como nós mesmos a uma vida imperfeita e transitoria, emquanto lá no Museu, ao canto d'uma tela, um simples cão, o somnolento cão das Meninas, vive, eternamente dormitando, uma vida eterna.

Se olhamos para o ceu, logo no fundo azul se destaca aquelle pequeno principe cavaleiro, D. Balthazar Carlos, que tem nos olhos o liquido veludo dos olhos das creanças, e cuja boca de infante foi talhada para mandar e dominar os homens; com elle vemos passando a pomposa cavalgada: Duque de Olivares, Philippe IV, Isabel de Bourbon com seu longo e solemne vestido de amazona real. Se nos sentamos á mesa d'um café, logo voltam a cercar-nos os anões e os bobos, princezas e meninas, respiramos o ar que ellas respiram, e isola-nos do resto da gente e do bulício d'entorno, a luz de opala e ambar que illumina as telas de D. Diogo.

A luz de Vellasquez!

Nos outros pintores a luz é, como nos italianos, voluplúosa e sensualissima; halito de mysticismo nos grandes religiosos primitivos, familiar e caseira nos Teniers encantadores, pomposa e fria nas largas telas de Rubens; Rembrandt maneja-a e domina-a com toda a prodigiosa força do seu

genio; Ribera atira-a para os seus quadros como se pintasse com um archote acceso! Em Goya é a luz forte e secca da Hespanha, os seus *lienzos*, por vezes, parecendo que foram recortados dos poentes castelhanos do Guadarrama. . .

Mas a luz de Vellasquez, é simplesmente — a Luz! A luz como Deus a fez, e tão real e verdadeira que eu creio que D. Diogo, se ella um dia abandonasse o mundo, era capaz de soltar o *Fiat* prodigioso, compondo-a de novo, como Balzac seria capaz de refazer toda a especie humana, sem lhe faltar um sorriso e sem lhe faltar uma lagrima.

. . . E ao mesmo tempo é luz suavissima, o quer que seja de outomnal e melancolico; luz que atravessando o prisma diaphano d'uma tranquilla alma, desse no espectro o tom melódico e distante d'uma saudade. Pois se eu lhes juro que Vellasquez é portuguez!

A serenidade e a força, a grandeza e a doçura, eis a atmospheria que nos envolve e que trouxemos da casa de Vellasquez, como se o deus-operario que creou aquellas vidas ainda por ali andasse, trabalhando e illuminando. Versos de Camões, de João de Deus, de Anthero, paginas de Camillo, murmure-as o portuguez que descançou n'aquella sala, e hade ver como lá encontram accorde de inconfundivel sympathia, assim como lhe morrem n'uma sensação de frio e de exilio se a experiencia fôr tentada nas salas de Goya ou ante os paineis dos outros mestres. Lá se podem reviver paizagens de Portugal, rostos amigos e distantes, passados amores pois é recanto immortal da nossa terra que ali se encontra, immerso em saudade, onde semi-mortas folhas perpetuamente vão cahindo na melancolica luz d'um outomno eterno.

*
* *
*

Decerto nós possuímos uma pintura propria, pois possuímos uma alma bem caracteristica e distincta da alma dos outros povos.

E' fóra de Portugal que isto melhor se entende, e uma toirada basta para marcar a funda differença que existe entre portuguezes e hespanhoes, apesar de serem estes os estrangeiros que, creio bem, mais se parecem connosco. Assisti a uma corrida de toiros em Madrid, e apesar da minha velha *aficion* de homem do Riba-Tejo, confesso honradamente, que toiros em Hespanha não voltarei a vêr.

Vi lá morrer um pobre esqueleto de cavallo branco, que a mim me fez lembrar a agonia d'aquelle de Dolstoiewski, enchendo de angustia os pesadêlos do assassino Rodia: o cavallo martyr que teve de defrontar-se com tres toiros, as pobres pernas tintas de sangue, um rolo vermelho de tripas sahindo do ventre, até que uma ultima cornada o rasgou inteiramente, atirando-o a terra, onde ficou debatendo-se e soprando de dôr, as visceras despegadas a entornarem-se-lhe no chão ensanguentado.

Deram-lhe uma *puntillada*, para acabar, que acertou mal, deixando-o vivo. Laçaram-no depois pela garganta, apertaram-lhe bem a corda, varreram-lhe e levaram-lhe os intestinos, e para ali o abandonaram emquanto, n'outro ponto da arena a corrida continuava.

Permanecia assim immovel largos segundos; mas de quando em quando erguia ainda o seu longo pescoço branco de enforcado, respirava fundo, e os olhos abriam-se-lhe, cheios de intelligencia, dilatados de espanto: Porquê, porque o torturariam assim?

Isto durou um quarto d'hora deante de não sei quantos mil madrilenos, sem que uma alma exigisse a *puntilla* misericordiosa que dêsse fim áquella immensa agonia. . .

Hespanhol, o Vellasquez!?

Os hespanhoes teem Goya! E á Maja, a essa eu bem n'a vi, constantemente a vi, reclinada e nua a meio da arena, presidindo e sorrindo como n'um jardim de suplicios, pois toda a tragedia era em sua honra, — a destreza e a coragem dos homens, o sofrimento e o sangue das feras! Ella era o bárbaro idolo d'aquella missa bárbara, em que foi gran-sacerdote n'essa tarde, o espada Pastor, feio e grave sacerdote, cumprindo com uma sobriedade antiga todos os passes do ritual, jogando a vida com a mais serena valentia.

Eu a vi, á *desnuda* manola de olhos côr de ambar, aspirando o halito ardente de toda a praça seguindo morosamente a agonia das bestas, deliciada e sempre sorrindo. . .

Para attingir o seu corpo de femea sagrada, os homens vestem-se de seda e oiro, desafiam cem vezes a morte, enchem um circo de cadaveres e sangue, pois o sangue é preciso para que os labios d'ella sejam eternamente vermelhos e eternamente sorriam. . .

. . . Dilata-se-lhe e oncia a curva macia da anca, os seios erguem-se mais altos, é mais mysteriosa a sombra tenue do seu ventre; respira, e os seus braços cruzados sob a cabeça, parece que vão a abrir-se quasi n'uma offerta — ao gladiador talvez que além vae executando os passes da Morte, talvez ao negro toiro mugindo, reluzente de suor e de sangue. . .

. . . Ou, vae porventura erguer-se, mover os pés pequenos e nús pela arena avermelhada, os

braços voluteando na cadencia d'uma dança bárbara, cada movimento do seu corpo nú, fazendo rugir de desejo os homens e as feras! . . .

Como a Gioconda, ella é mysteriosa, e, como o sorriso da Gioconda, infinito o seu sorriso. Em Monna Lisa, o mysterio do espirito; na Maja, o mysterio da carne, todo um poder terrivel e supremo enchendo-nos o coração de medo e ferocissimo amor . . .

E ainda ao accender das luzes, quando se inundam de gente as ruas da Cidade e esta se agita n'uma alegria cheia de brilho e ruido, atravez da noite eu voltei a vê-la, Salambô de Madrid, dominando Madrid, enquanto por entre as vitrines resplandecentes a multidão circula como serpente enorme, com suas escamas luzindo quando voluteia nas praças illuminadas, ou desenrolando o seu longo corpo de Pithon atravez das ruellas estreitas e escuras, por onde se quebram os primitivos ais das mala-gueñas . . .

Como para a outra em Carthago, a mesma anciedade a leva e arrasta, entre luzes e risos, por toda a noite de Madrid, e os seus movimentos ainda os mais imperceptiveis, são em busca d'aquella que um dia se despiu sobre o leito de Goya e a quem chamaram — *A Maja desnuda!*

E sonho com o divino manto de Tanit, o sagrado Zaimph, em que surgiu envolto o bárbaro Mathô ante a filha de Amilcar — eu, que junto d'esta, que supponho mais bella e mais terrivel, só tenho os rotos andrajos da pobre chronica que ahí fica . . .

CARLOS AMARO.

